

## CERTEZAS E DÚVIDAS DE JOSÉ

José Alberto Braga

E Agora, José? de José Cardoso Pires. Moraes Editores, 1977, Lisboa. 333 pp. 250 escudos.

Dois livros marcaram definitivamente a trajetória do escritor português José Cardoso Pires: O Delfim (editado em Portugal e no Brasil) e o Dinossauro Excelente. Criado num clima neo-realista, influência que nunca abandonou, Cardoso Pires foi introduzindo em suas obras um psicologismo milimetricamente calculado, a que iria somar ainda uma admirável consciência política, aprimorada com o tempo, estudo, e embates com a censura salazarista.

Se O Delfim marcou indelevelmente os anos 60, sendo mesmo o trabalho literário português mais importante da década, Dinossauro Excelente (1972), uma fábula mordaz e irônica, procurava exorcizar uma época de tenebrosa memória. Pela primeira vez, um escritor dizia (e publicava) que o rei estava nu, e tinha até virado o dinossauro, devidamente petrificado.

Agora, cinco anos depois, o Autor pega o mote drummondiano para dar vazão às dúvidas e angústias que envolvem a sociedade portuguesa. Não se pense, porém, que o escritor se queda, batido. Ao contrário, a dúvida surge para interrogar, questionar e aprofundar o José português, já que o escritor, esse já está moldado na vida, "visagem martelada, máscara prevenida, assimetrias de quem se talhou ao azar".

Desta feita, Cardoso Pires não se aventurou pelos caminhos da ficção, preferindo jogar nas livrarias

um punhado de crônicas arrebanhadas nos últimos anos. Por que rareia a ficção portuguesa? E' o autor quem responde: "Desde Le Monde a The Observer, ao New York Review of Books ou ao JORNAL DO BRASIL as correspondências sobre Portugal perguntam pela nossa produção num momento de tantos estímulos como o que temos estado a viver. (...) Simplesmente, nós duvidamos que, tão comprometidos como estamos com o imediato, e tão retensos, tão à pressão, possamos praticar o tal distanciamento sem o qual a obra de arte nasce pobre e sectária".

Este livro de Cardoso Pires pode ser dividido em três partes distintas: na primeira, o autor divulga uma série de crônicas descomprometidas, onde filosofa sobre gente, idéias e lugares. E' tempo de falar de gente amiga. Gageiro, o fotógrafo. Drummond, o poeta. Os escritores Soromenho, Alves Redol e Dias Coelho. Antonioni, o cineasta de Zabriskie Point, filme que ainda adormece em alguma prateleira empoeirada de Brasília. Hemingway e João Abel Manta, talvez o maior cartunista português da atualidade. Para cada um o termo exato, modelado e humanizado com facilidade, próprio de quem está habituado a bem fotografar com palavras.

Na segunda parte, o autor executa um primoroso trabalho analítico sobre o seu livro O Delfim. Pires procura distanciar-se emocionalmente de sua cri-

ação, para estudar os porquês filosóficos, políticos e psicológicos de cada personagem. Ele chega a desenhar diagramas, para melhor "cobrir extensões desérticas de papel". Este seu trabalho sobre O Delfim, intitulado "Memória Descritiva", tem origem numa conferência sobre Literature Workshop, proferida no King's College da Universidade de Londres, em maio de 1971.

Finalmente, o autor entra na parte mais suculenta, que diz respeito às transformações políticas ocorridas em Portugal. E' tempo de mergulhar fundo nos meandros censórios, arrancando daí peças por vezes risíveis, mas não

menos dolorosas, como o caso da propaganda daquele western, descolado dos muros de Lisboa pela censura e pela própria Pide. Título do filme: Os Loucos Dias da Vingança. Slogan publicitário: "Matar com honra — Amar sem Esperança — Morrer Só". Pois é, a censura cismou que se tratava de uma crítica a Salazar... E tem aquela do jornalista Vitor Direito, submetido a oito horas de interrogatório, simplesmente porque publicou um anúncio de uma empresa de importação de bijuterias, "Oliveiras, Salazar e Companhia, negociantes de bugigangas". Só que a empresa existia mesmo, e qualquer alusão era mera coincidência etc., etc.

Enfim, o autor percorre uma trajetória de primeiras certezas, revela sua alegria pelas mudanças ocorridas, e termina encerrando na dúvida metafísica: E Agora, José; Os Pides estão na rua e gregos e troianos falam mal da revolução portuguesa. E vem a citação, inevitável: "Mesmo quando as minhas mãos estão ocupadas em torturar, meu coração fecha os olhos e chora" (Chico Buarque). Depois do choro, os pedaços foram escolhidos em crônicas por um bom maestro da palavra, "até porque em literatura não há primaveras de calendário, nem invernos sem colheita". E a julgar por este livro de Cardoso Pires, a safra foi positiva e abundante.



JOSÉ CARDOSO PIRES

O romancista de O Delfim expressa suas angústias sobre o futuro de Portugal

José Alberto Braga é jornalista, e publica textos de humor sob o pseudônimo de JAAB.